

Funcionários de pequenas empresas correm risco de ficar sem o décimo terceiro salário

Pesquisa em São Paulo mostra que 7% dos empresários não têm com pagar

Luiz Carlos Santos

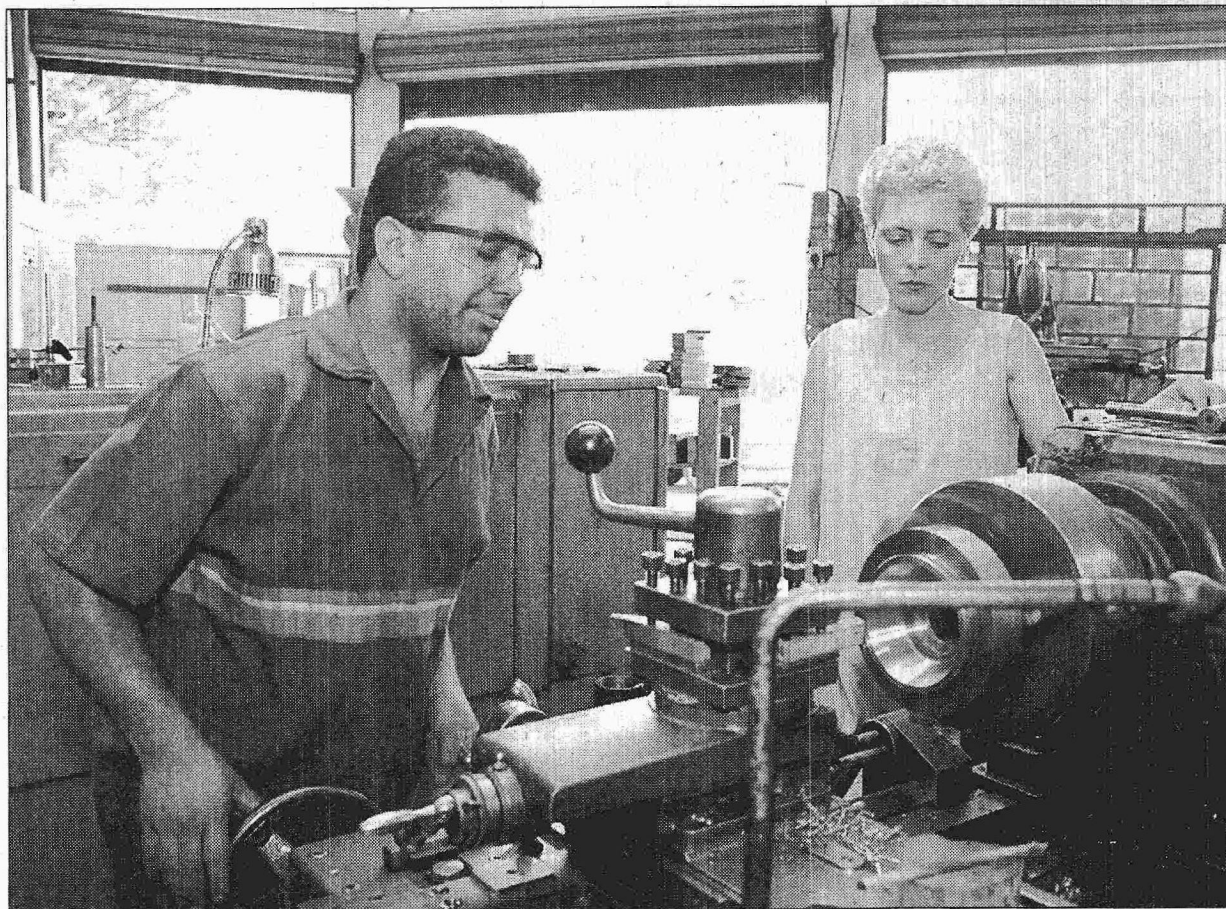
Marcelo Rehder e Cássia Almeida

● SÃO PAULO e RIO. A reação do Governo aos ataques especulativos contra o real poderá provocar surpresas desagradáveis para muitos trabalhadores já no fim do mês. Com a alta dos juros e o freio no consumo, micro e pequenas empresas avisam que não terão como pagar o décimo terceiro salário aos funcionários. Pelo menos 250 mil trabalhadores paulistas estão sob a ameaça de ficar sem o décimo terceiro ou de receber o abono após o prazo permitido pela lei. A perspectiva está demonstrada numa pesquisa realizada pelo Sindicato das Micro e Pequenas Indústrias do Estado de São Paulo (Simpí) depois que o Banco Central dobrou a taxa de juros básicos da economia.

Funcionário de microempresa já está preparado

Dos 110 empresários ouvidos pelo Simpí, 7% afirmaram não ter condições de pagar o décimo terceiro, fato nunca antes registrado. Outros 23% disseram que planejam parcelar o pagamento, para não ter de recorrer aos bancos. Em 1997, esse percentual era de apenas 10%. Hoje, são 110 mil micro e pequenas indústrias só no estado de São Paulo, que geram 829 mil empregos, o equivalente a 60% do setor industrial.

Ivani Spina Micheloni, dona da Model Indústria Mecânica Ltda., fabricante de equipamentos para vedação de marmiteix e de usinagem de peças, está entre os que não vão pagar o abono este ano. Com faturamento médio de R\$ 30 mil por mês, Ivani diz que recorrer a bancos para pagar a folha de salários, da ordem de R\$ 10 mil,



IVANI SPINA, dona da Modal Industria Mecânica: recorrer aos bancos seria fatal. A opção é não dar o décimo terceiro

poderia ser fatal. A situação está tão ruim que os 14 funcionários já se conformaram com a ideia de não contar com o décimo terceiro.

— Eles sabem que o pagamento só sairá às custas de muito sangue, pois não tenho de onde tirar o dinheiro — diz Ivani.

No Rio, a situação das micro e pequenas empresas é a mesma verificada em São Paulo. Segundo Benito Paret, presidente da Federação Fluminense das Micro e Pequenas Empresas (Flupeme). Cerca de 50 empresários já consulta-

ram a federação sobre linhas de crédito e uma possível mobilização para resolver o problema. Paret vai preparar um levantamento com os cinco mil associados, na próxima semana, para saber exatamente quantas empresas estão em dificuldade.

— O fim deste ano será pior que o do ano passado e a situação se agrava com o custo elevado do dinheiro. Com certeza, as empresas terão dificuldade para pagar o décimo terceiro dos funcionários — afirma Paret.

O presidente da Flupeme de-

fende a abertura de linhas de crédito pelo Governo

Para conseguir o empréstimo, é necessário ter conta corrente no mínimo há 90 dias no banco.

— Esperamos fechar quatro mil operações este ano, contra três mil no ano passado. Já fechamos 150 contratos, num volume de R\$ 5 milhões — disse Edson Monteiro, superintendente executivo da Área Comercial do BB.

O banco estimulou essa linha, com o envio de mala direta aos que usaram o crédito em 96 e pagaram em dia. ■